

Analogias com a Paideia grega: o Pólicles de Agostinho da Silva

Heber Junio Pereira Brasão¹

SOUSA, Cristina Soares²

ABREU, Maria do Carmo³

A obra “Pólicles” de Agostinho da Silva, trata-se de um diálogo de inspiração platônico, embora o autor faça críticas ao próprio Platão, pois para esse pensador a educação, visava testar as aptidões dos alunos para que apenas os mais inclinados ao conhecimento recebessem a formação completa para ser governante, sendo essa a finalidade do sistema educacional planejado pelo filósofo, que pregava a renúncia do indivíduo em favor da comunidade, sendo longo esse processo, porque Platão acreditava que o talento e o gênio só se revelam aos poucos.

Em Pólicles, é possível elencar como pontos principais a relação entre o mestre e o aluno, o que é ser um professor e como o mestre deve se comportar; a relação entre o pensamento e a vida, ligada a questão da educação como a relação entre a filosofia como um modo de vida, onde o mestre incentiva a relação entre o pensamento e a vida e a crítica à educação convencional e tradicional, bem como aqueles que na verdade não entenderam a verdadeira Paideia grega.

Instigados pela questão: “Há outra sereia mais feiticeira que Platão; sabes tu qual é? Agostinho traz a voga a clara necessidade de uma educação poiética e criadora, ou seja, fazer criando, não sendo nada no sentido individual, mostrando-se convicto de que crianças e jovens são as sementes do futuro e da construção social, onde o verdadeiro mestre é aquele que liberta o discípulo para ir além.

¹Coordenador dos Cursos de Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia na UNIFUCAMP, Monte Carmelo. MG.

²Coordenadora do Núcleo de Pesquisa do UNIFUCAMP

³Professora do Curso de Pedagogia do UNIFUCAMP

Para o autor a sereia mais perigosa é o pensamento de Platão, pois nada pode ser pior que o aprisionamento do pensamento, onde o grande perigo é o pensamento do outro, principalmente se for o do mestre. O professor deve ser aquele que se impõe o menos possível, propiciando aos alunos seguir seu próprio caminho, lançando o sujeito para a imensidão do pensamento, direcionando a chegar a lugares que o próprio mestre ainda não chegou.

Trata-se de um constante exercício da construção da autonomia, tanto para a vida quanto para o intelecto, o autoconhecimento, exercitando constantemente o ato de pensar e refletir, desenvolvendo um pensamento crítico e consciente, ensinando seus alunos a pensar e tornando-o cada vez mais livre.

Em defesa de um modelo de educação integral, Agostinho da Silva dirige em Pólicles uma crítica ao modelo tradicional de educação, isto é, um modelo rígido, fundamentalmente centrado no professor e no papel do ensino, sem que o aluno pudesse ter uma participação ativa no seu próprio processo educacional, impondo assim um processo inquisitório através de uma verdade absoluta, o que não permite um processo reflexivo.

A educação não pode segundo o autor, estar separada da vida, uma vez que mais importante que a filosofia é a vida filosófica, sendo que a vida perfeita corresponde ao perfeito pensamento, acentuando assim o papel de uma vontade poética, corroborando de que é ação e ao mesmo tempo criação, uma invenção, sendo essa vontade uma das formas de amor e de uma inteligência mais ampla. É uma vontade não de transformar o outro de acordo com preceitos próprios, mas uma renúncia em tornar o outro a imagem reflexa de um qualquer modelo. Trata-se do criar não só para benefício próprio, mas para todos, no sentido social e no sentido político.

Em Pólicles, o amor e a inteligência são a salvação do mundo, ou seja, são as mesmas coisas. A inteligência é a compreensão e o amor e o interesse, o cuidado de todos os seres. Se não se conhece com amor, não se sabe usar o conhecimento, sendo que o amor e o conhecimento estão ligados em sua existência, dentro de uma visão aristotélica, o amor é a potência de toda a ação.

Os mestres devem ter amor pelos discípulos, ou seja, devem conceder a liberdade pois é através do amor que se chega à compreensão dessas vidas que devem ser levadas a pensar, conhecer, libertar e emancipar.

Assim, em Pólicles temos uma crítica ao sistema educacional tradicional e um aceno para a educação nova, crítica da educação grega arcaica, com a proposta de uma

formação integral do homem (Paideia grega), visando colocar os alunos como verdadeiros protagonistas da história, sendo os jovens o futuro da sociedade.

Neste sentido, a educação deve ser pensada como um processo mais de orientação do que de ensino, onde o sujeito se educa para si mesmo, mais de acompanhamento e ajuda do que propriamente de fornecimento de ideias ou palavras despejadas sobre o educando. Uma educação transformadora em que os indivíduos possam se libertar das sombras da ignorância, passando da opinião (doxa) para a razão (logos), e possam construir seu próprio caminho, onde o pensamento não pode estar ilhado da vida, fazendo da vida uma reflexão e fazer da vida uma filosofia.

Referência bibliográfica:

SILVA, Agostinho da. Pólicles. In: Filosofia enquanto Poesia. São Paulo: É-realizações, 2019.